

UM PRESENTE PARA ROBBY

TONI FULCO

O pequeno Robby, sobrinho de nossa vizinha, tirou, com cuidado, uma colherada de sua ração de água, colocou o líquido num pires e se dirigiu à porta. Como eu odiava aquele racionamento de água! Éramos forçados a tomar banho sem sabonete no pequeno reservatório que dividíamos com Jessie, nossa vaca. Ela era tudo que tínhamos agora. Os poços estavam secos, a safra tinha virado pó, levando nossos sonhos, durante a pior seca já vista em nossa pequena comunidade rural.

Segurei a porta de tela para Robby e o observei, sorrindo, enquanto ele sentava, devagar, nos degraus. Parecia um anjo, com dúzias de abelhas à volta de seus cachos desalinados, como se formassem um halo. Ele imitava o zumbido, o que as atraiu para o pires a fim de beber o precioso líquido.

As palavras de sua tia ecoavam nos meus ouvidos:

"Não sei o que estava pensando quando fiquei com ele. Os médicos dizem que ele não se machucou no acidente que matou minha irmã, mas ele não fala. Tudo bem, faz uns ruídos, mas que não são humanos. Ele vive num mundo particular, este garoto positivamente não é como meus filhos." Por que ela não conseguia ver os dons maravilhosos que aquele menino de quatro anos possuía? Meu coração doía por Robby. Ele se tornara a melhor parte de nosso mundo, me ajudando, animado, com o jardim, andando no trator ou carregando feno com meu marido. Ele fora abençoado com uma natureza amorosa e uma profunda admiração por todas as coisas vivas, e eu sabia que ele podia conversar com os animais.

Nós nos alegrávamos com as descobertas que ele, feliz, dividia COI10Sco. Seus olhos marrons, inquisitivos e, muitas vezes, inquietos, espalhavam total compreensão do que era dito. Eu gostaria de adotá-lo. Sua tia já sugerira isso muitas vezes. Nós nos denominávamos mamãe e papai para Robby e, antes da seca, faláramos sobre adoção. Mas os tempos eram tão duros que eu não tinha como abordar o assunto com Tom. O trabalho que ele fora obrigado a aceitar na cidade para comprar comida para Jessie e suprir nossas necessidades básicas já cobrava um alto preço a seu espírito.

A tia de Robby, sem hesitar, concordou com o pedido que o menino passasse o verão em nossa casa. De qualquer maneira, ele estava conosco todos os dias. Enxuguei uma lágrima, lembrando como ele parecia pequeno e frágil quando rapidamente colocou sua mão na minha e me entregou um saco amarrotado de papel pardo. Nele havia duas camisetas desbotadas que tínhamos comprado para ele na feira do condado no ano passado e um par de shorts bastante surrados. Isso e as roupas que levava no corpo eram seus únicos pertences, com a exceção de um objeto muito estimado.

Numa corda de seda à volta do pescoço estava pendurado um apito feito a mão. Tom o fizera no caso de Robby estar perdido ou em perigo. Afinal de contas, ele não podia gritar por socorro. O garoto sabia perfeitamente que o apito não era um brinquedo. Era apenas para emergências e, se ele

apitasse, Tom e eu iríamos correndo. Eu lhe contara a história do menino que dera um alarme falso e sabia que Robby me entendera.

Dei um suspiro enquanto secava e guardava a louça do jantar. Tom entrou na cozinha e apanhou a bacia de lavar louça.

Toda gota de água reciclada era usada na pequena horta que Robby plantara ao lado da varanda. Ele se orgulhava tanto dela que tentávamos desesperadamente salvá-la. Mas, sem chuva, logo estaria perdida. Tom pôs a bacia no balcão e me disse:

- Sabe, querida - ele começou -, tenho pensado muito sobre Robby ultimamente.

Meu coração começou a bater, ansioso, mas, antes que ele continuasse, um som agudo veio do jardim, fazendo-nos pular.

"Meu Deus! É o apito de Robby!" Quando chegamos à porta, o apito silvava febrilmente. Visões de uma cascavel me vinham à cabeça enquanto corríamos para o jardim. Corremos até Robby, que apontava freneticamente em direção ao céu sem deixar que tirássemos o apito de sua mão.

Olhamos na mesma direção e tivemos a mais bela das visões.

Nuvens de chuva, enormes nuvens de chuva, pretas de dar medo!

Robby, ajude, depressa! Precisamos de todos os recipientes!

O apito caiu de seus lábios e ele correu comigo até a casa. Tom correu em direção ao celeiro para trazer uma velha tina. Quando todos os baldes foram colocados no jardim, Robby voltou às pressas para a casa. Veio com três colheres de madeira que apanhou na gaveta. Ficou com uma e entregou as outras para Tom e para mim.

Apanhou um pote de mantimento dos grandes e se sentou, de pernas cruzadas. Virou o pote ao contrário e, com a colher, marcava um ritmo. Tom e eu pegamos outros potes e nos juntamos a ele.

- Chuva para Robby! Chuva para Robby! - eu entoava a cada batida.

Uma gota d'água bateu no meu pote, depois outra.

Logo o jardim estava completamente encharcado por uma chuva gloriosa. Ficamos ali parados, rostos erguidos, para sentir o luxo daquela chuva. Tom pegou Robby no colo e dançou entre os baldes, gritando com alegria e entusiasmo. Foi quando ouvi - suavemente a princípio, depois cada vez mais alto - a risada mais maravilhosa, impetuosa e alegre. Tom se virou para me mostrar o rosto de Robby. Com a cabeça pendendo para trás, ele estava rindo alto, claramente! Eu abracei os dois, deixando as lágrimas se misturarem com a chuva. Robby soltou Tom e se agarrou no meu pescoço.

- Do W-W-Wobby! - ele gaguejou. Estendendo sua mãozinha, como se para colher a chuva que caía, ele riu novamente.

- Suva... do W-W-Wobby... Mamã - ele sussurrou.